

O desconhecido palanque da Constituinte

José Negreiros



Coisas da política

O deputado Nilson Gibson vai deixar o PDS e ingressar no PMDB, em busca de cobertura eleitoral na disputa de uma vaga para a Assembléia Constituinte. Gibson é desses políticos convencidos de que a força do PMDB após o êxito do Plano Cruzado é capaz de eleger até poste e, como ele só se preocupa com seu interesse pessoal, acha que será barbadada. Talvez as coisas não sejam assim tão fáceis. Os políticos brasileiros têm uma grande tendência para acreditar que basta ter um bom esquema eleitoral para conseguir um mandato e, por causa disso, têm sido surpreendidos com derrotas "impossíveis". O próprio Gibson parece nada ter aprendido com a última da qual foi vítima — o fracasso de seu ex-líder Paulo Maluf no Colégio Eleitoral.

O oportunismo desse deputado pernambucano, que troca Maluf por Miguel Arraes como se troca de roupa, é um bom exemplo do envelhecimento da classe política brasileira, prisioneira de uma longa transição de dois anos antes da escolha da Assembléia Constituinte. Interessados exclusivamente em seu futuro político, os atuais parlamentares são

incapazes sequer de agregarem competência para presidir suas reuniões de trabalho. O presidente do Senado, José Frageli, chega ao ponto de apelar ao seu colega da Câmara, Ulysses Guimarães, com o objetivo de tentar dividir uma responsabilidade pelo corte de ponto de gazeteiros, atribuição que na vida comum cabe aos bedéis ou aos relógios da marca Dimep, vendidos em qualquer boa casa do ramo.

Fosse grande coisa o temário de debates do Congresso na atual entressafra eleitoral e o noticiário sobre o pagamento ou não de jetons já estaria condenado à sexta página. Mas tudo o que deputados e senadores têm para fazer no momento é aprovar um regulamento sobre a realização das próximas eleições. Ou seja, coisa que nada diz ao mortal comum, matéria da mais pura conveniência fisiológica, uma feira de casuísmos que em alguns casos deveria pagar direitos autorais à ditadura. Todos em busca da mágica boba do consenso em torno de frações de segundos da propaganda eleitoral na televisão. Buscar abrigo sob a bandeira do PMDB, conseguir a parte do leão no horário nobre, esbanjar cruzados na campanha e regionalizar os slogans, contudo, parece ser apenas uma parte das dificuldades a serem enfrentadas por quem busca uma vaga na Constituinte.

Quando voltar às ruas em busca de votos, no segundo semestre, o político brasileiro poderá se deparar com dois tipos de palanque à sua espera, conforme previsão de outro pernambucano, deputado Egidio Ferreira Lima: um, mais acessível, da política local, onde se decidirá com emoção a velha richa que divide qualquer praça de interior; outro, mais

exigente e totalmente desconhecido para quem pratica a política escondido atrás da retórica, que será o principal veículo do eleitor constituinte. O primeiro não passa de um caminhão cheio de cartazes e equipado com poderosos altofalantes, mas o segundo tem o risco do desconhecido.

Poderá ser a sede de um sindicato lotado de "fiscais" do desempenho legislativo do candidato, ou um auditório de universidade faminto de informações, quem sabe uma mesa-redonda na sede de uma entidade de classe engajada na luta por suas teses classistas. Qualquer que seja o palco, o orador estará ali como pessoa física, a quem pouco valerá a sigla PMDB, o bolso cheio de cruzados ou a boa maquiagem de quem posa para as câmeras. Em lugar disso, ele terá que dispor de boas propostas para os problemas do país como um todo, responder com idéias muito precisas sobre quase tudo e dispor de algumas alternativas viáveis que satisfaçam as exigências de estudantes, trabalhadores, donas-de-casa, empresários, aposentados, enfim, aquela vigorosa massa, cheia de contradições, que o Plano Cruzado liberou e a Constituinte terá que satisfazer. Onde gente como Gibson irá buscar capital para contentar tal platéia ninguém consegue atinar.

Era sobre esse novo palanque, especialmente montado para efeito da Constituinte, que o deputado Flávio Bierrembach (PMDB-SP) tentou advertir quando relator da lei que a convocou. O problema é que ele apresentou para tanto uma solução inadequada, como o "delegado constituinte", que a classe política considerou uma traição às suas responsabilidades funcionais e demitiu Bierrembach de suas atribuições.

Mas a verdade é que o nível de participação e interesse pela nova Constituição já pode ser até mesmo medido e atingiu um ponto tão elevado que os candidatos a redigi-la estão longe de supor. O Centro de Informática e Processamento de Dados do Senado Federal — Prodasen, está recolhendo sugestões populares sobre o conteúdo ideal da nova Carta que equivalem a uma espécie de Sunab da Constituinte, verdadeiro balcão de aspirações, queixas e sonhos de brasileiros que depositam grande fé no futuro — depois que suas maiores preocupações deixaram de ser a inflação e a correção monetária.

Isso permite prever que tão ideológica quanto a campanha eleitoral será o próprio funcionamento da Assembléia, onde a maioria dos partidos se dissolverá diante de uma divisão obrigatória entre dois grandes grupos: conservadores e progressistas. A pauta previsível de assuntos que estarão na ordem do dia induz a essa polarização, pois afinal trata-se de estabelecer regras para capítulos tão polêmicos da vida nacional quanto reserva de mercado para informática, grau de colaboração do capital estrangeiro na economia, ritmo de implantação da reforma agrária, para só mencionar temas de grande abrangência econômico-social. Nessa hora, 100 constituintes progressistas poderão funcionar como fiel da balança de um debate para o qual só eles parecem se preparar com as armas do país pós-cruzado. Gibson terá emprego nessa empreitada?

José Negreiros é repórter do JORNAL DO BRASIL em Brasília.